

EDITORIAL

Enio Paulo Giachini

Inicialmente, este número da revista apresenta um pequeno texto do Prof. Emmanuel C. Leão, refletindo sobre o ensino e a aprendizagem. Dentre o cipoal de novidades sobre métodos e técnicas de ensino e aprendizagem, há que se pensar e ter claro sempre pontos elementares. É sobre isso que reflete o texto. Somos um empenho de viver. Viver é deixar-se libertar para o empenho. Liberando as condições de viver, a existência se dá como o penhor de todo empenho e desempenho. Trata-se da questão que mora no fundo das questões sobre o ensino e aprendizagem, a formação e informação. Só quem realmente sabe aprender, e somente na medida em que o sabe, é que pode realmente ensinar. O professor é realmente professor enquanto for mais radicalmente aluno, pois o aprender exige e impõe a ascese de constantemente assumir tanto a ignorância como o saber de que já se sabe. Não apenas aquele que já sabe tudo não pode aprender, também não o pode quem não assumir o saber de sua ignorância, quem não reconhecer que sabe alguma coisa.

Na sequência, o artigo sobre de Pedro R. P. da Silva e Victor H. O. Marques estuda o conceito de natalidade na obra *A condição humana*, de Hannah Arendt. O estudo salienta a importância de tal conceito para teoria política; realça que o pensamento político de Arendt é uma construção ao longo de um período conflitante na história, o nazismo; além disso, demonstra que a teoria política de Arendt parte de uma reflexão das atividades humanas, a fim de evitar os regimes totalitários. As atividades humanas que a filósofa destaca são: Trabalho, Obra e Ação – atividades intimamente ligadas ao nascimento, ou seja, à Natalidade. A natalidade, como centro de tudo isso, é a válvula de escape dos regimes totalitários, uma abertura ao diálogo e à pluralidade, por isso, está ligada intrinsecamente à

ação. Para Arendt, a essência da política é a natalidade, pois é a partir desse segundo nascimento que os indivíduos podem ser e agir no mundo.

Reconhecido como forte crítico do liberalismo, Alasdair MacIntyre tem procurado nas últimas décadas formular uma proposta sociopolítica que possa fugir tanto dos problemas do individualismo liberal que assolam as sociedades modernas, como também dos erros das soluções socialistas do passado. Com essa proposta, Fernando C. Bertoldo elaborou um texto onde emergem questões como: Que concepção de autonomia entende MacIntyre ser a base da liberdade de tal comunidade? Que educação moral deve fundamentar as ações dos sujeitos? Como se dará a repartição dos bens econômicos, sociais e culturais? Que tipo de deliberação política devem reger as políticas dessa comunidade? Enfim, não estaria a proposta sociopolítica de MacIntyre mais próxima do liberalismo que ele próprio rejeita?

Bernard Casper, partindo da definição kantiana de pensamento como a intencionalidade de “todo interesse de minha razão”, que não se porta de modo monadológico, mas unifica em si três questões, busca encontrar uma resposta a tal acesso. Ele explicita como na recepção da descrição kantiana de todo o “interesse de minha razão” através de um pensamento histórico-hermenêutico se ultrapassa um interesse meramente “ontológico” do “ser” como um interesse presente e atual apenas atemporal, e se mostra como “evento apropriador” do “ser-no-mundo” fático em sua conexão da liberdade humana para o “bem e para o mal”, conexão que lhe dá fundamentação ética. Ou seja, mostra-se como desafio e eleição da dignidade da responsabilidade, e assim, na luz de nossa relação com Deus, aparece como uma esperança de salvação acessível ao pensamento.

A abordagem da arte é um desafio sempre novo para o pensamento. Essa tarefa vem pautada aqui por meio do artigo “A música na compreensão estética de Schopenhauer”. A música é vista ali como o grau mais elevado das artes. Schopenhauer divide a arte em graus superiores e inferiores e define-os individualmente, mostrando como entende a música em sua teoria estética. Cada uma das artes tem influência sobre o homem na superação da vontade, possibilitando ao sujeito a pura contemplação da bela arte – a arte na sua essência, sem objetivação da vontade. Schopenhauer defende a ideia do mundo como vontade e representação, conceituando vontade como aquilo que impulsiona o mundo à vida, ao movimento, e que concomitantemente é a fonte do ciclo dos desejos, onde o homem pode se perder, enquanto a representação designa

tudo aquilo que o sujeito vê e por ele pode ser conhecido, pondo uma causalidade sobre o que vê, deixando assim de ver a essência.

Temos, por fim, um belo texto da filósofa Eiko Hanaoka-Kawamura sobre a questão atualíssima da tecnologia e da natureza a partir dos pensadores Martin Heidegger e Kitaro Nishida. Na leitura, podemos logo perceber que atualmente as leis tecnológicas e a natureza estão sendo gradualmente destruídas pela tecnologia. No mundo contemporâneo, a tecnologia modifica a vida dos seres humanos. De um lado, ela serve para elevar a vida humana, enquanto, de outro, ela gera vários perigos, e de muitos modos, à vida humana. Tendo isso presente, o artigo discute também a relação entre natureza e tecnologia a partir de M. Heidegger e Kitaro Nishida; o auto-despertar-da-consciência dentro do paradigma da nadaidade absoluta, bem como o problema da natureza e tecnologia no paradigma da nadaidade absoluta.

O texto da tradução da revista S. Boaventura reinveste suas forças e convida a repensar os temas centrais tão batidos, mas tão pouco compreendidos e assimilados pelo mundo acadêmico, dos estágios do caminho da vida de Kierkegaard. O que se apresenta aqui é um apanhado sobre os estágios estético e ético, em uma abordagem simples, mas decisiva e essencial.